

## **Perguntar pela Infância**

Aberturas em terreno de língua fértil

**Melissa Westin Bottrel**

\* EBP e PUC Rio / melbottrel@gmail.com

### **Resumo:**

O ensaio propõe uma conversa entre as noções de pergunta e infância, assim como com as possibilidades e consequências geradas a partir dessa relação. Considerando a primeira como forma de linguagem que acontece através da abertura e da possibilidade de criação, e a segunda como modo de relação com a linguagem, para além de um marco no tempo. O texto tem como ponto de partida a possibilidade de um novo estado de relação com o entorno, a partir da abertura de significados, formas e conceitos.

**Palavras-Chave:** pergunta; infância; criação; abertura.

---

\* Psicanalista formada pela Universidade Federal de Minas Gerais, participante da Escola Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, atualmente cursa a pós graduação Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil.

*"Como se chamam os ciclones  
quando não tem movimento?  
- Pablo Neruda*

## **1. A Pergunta: modo de linguagem**

O que pode surgir de uma pergunta? Uma música, uma peça de teatro, um som, um texto, uma briga, uma reconciliação, um grito, um gesto, um brinquito, um jogo, uma guerra, um pedido, uma risada, uma família, um inimigo, um amor, um salto, uma queda, uma lágrima, uma ansiedade, uma tristeza, uma cor, uma sessão, uma agitação, uma consulta, uma ruptura, uma massagem, uma amizade, uma compra, uma traição, uma venda, um vidro quebrado, uma campanha, um móvel de madeira, uma viagem, um prato de cerâmica, um velotrol, uma corrida, um machucado, uma cicatriz, uma cura, um tratamento, uma construção, um contato com o vazio, um infinito de formas.

Uma pergunta gera uma vastidão de caminhos, e ao aceitarmos não respondê-la prontamente, acreditando que essa é a única possibilidade que a mesma pode gerar, a relação com o entorno ganha em aspectos estéticos e políticos. Nas palavras de Antonio Faundez quando conversa com Paulo Freire no livro *Por Uma Pedagogia da Pergunta*:

(...) a origem do conhecimento está na pergunta, ou nas perguntas, ou no ato mesmo de perguntar; eu me atreveria a dizer que a primeira linguagem foi uma pergunta, a primeira palavra foi a um só tempo pergunta e resposta, num ato simultâneo (Faundez, 1985, p.26).

O que é uma pergunta? O que significa o ato de perguntar? Para que uma pergunta possa ser feita, parte-se da posição de um não saber articulado com a curiosidade e uma vontade de investigação, de querer fazer algo com isso, mesmo que seja uma vontade mínima. Em, *Ensaio sobre a Pergunta*, a jornalista Maria Luiza Franco Busse alega:

Do modo como estudamos a pergunta neste ensaio, seu diálogo com o mundo se dá no sentido de alterar as relações de força do fazer político a partir da prática discursiva. Dito de outra maneira, uma pergunta não é só uma pergunta, ou apenas uma a produzir o que está sempre a se dizer e que se espera ouvir. No caso, a pergunta produz questões

no sentido de ampliar a realidade e permitir que os acontecimentos se mostrem para além do que se vê (Busse, 2004, p. 19).

## **2. A Infância: terreno fértil**

Considerar a infância como modo de investigação e possibilidade de fazer com a linguagem é afirmar que nela se mantém uma íntima relação com o ato de perguntar e como consequência, com as aberturas de forma, cor e sentido do mundo. Ou seja, é tomar a infância como uma maneira subversiva de refletir a relação que cada um tem com seu entorno e com o modo próprio de ler este entorno, não como uma fase de vida ou um marco da idade. Assim, quero localizar a infância como terreno fértil, adubado pela relação com o que não se sabe e com o desejo de investigação, em íntima relação com o ato de perguntar e consequentemente, a necessidade de criar.

Rosana Khol Bines em seu precioso livro *Infância, Palavra de Risco*, afirma:

A infância surge aqui como o local de uma troca viva entre o humano e as coisas do mundo, explorando passagens e cavernas por onde as formas venham a escapar de suas couraças protetoras para afirmar afinidades potentes, numa superposição de materiais que se avizinham por força da ação desmedida da criança diante da vida (Bines, 2022, p.186).

Ou seja, considerar a infância como local, como terreno de uma troca viva muito mais relacionada ao fazer artístico do que a uma incapacidade ou um saber inferior. Modo de investigação das formas, espaço onde há fluência com a língua das perguntas. É da infância que partimos em busca de novas possibilidades e maneiras de se fazer e é na infância onde existe o espaço para brincar com as maneiras de se transmitir uma mensagem. Afinal, é no jogo com o outro que encontramos novas possibilidades estéticas, quando através das brechas das certezas, a pergunta se torna possível. A infância como espaço para a valorização dos detalhes em modo investigativo e criativo não é então uma época de vida que coincide com a criança, mas sim uma dimensão da própria vida.

Em *Infância e História*, o filósofo Giorgio Agamben (2014, p. 14) localiza a “morada infantil na diferença entre língua e discurso”. Ou seja, poder encontrar

nessa brecha da diferença, possibilidades onde língua e discurso não se coincidem, mas se desencaixam, o que acontece para além do que é dito, através do desconhecido da língua. Considerando a infância como esta presença que introduz o que é descontínuo entre língua e discurso, o filósofo traz a infância a partir do que acontece na fala enquanto experiência de linguagem, seja esta de uma criança ou de um adulto.

### 3. O mistério em cada palavra

Assim, a possibilidade de considerar a noção de infância como algo que ultrapassa um marco temporal ou uma fase de desenvolvimento me convoca a pensar a infância como possibilidade de manejo com a linguagem. Não quero defender uma ideia de soberania da criança com a língua, nem tampouco pensar a criança como aquela que nada sabe, mas sim pensar infância como possibilidade de se retornar ao estado de investigação na relação com a vida, com o entorno, com o que nos cerca.

O olhar do poeta cria pois se espanta com o que vê. Os detalhes e restos, matéria prima para o seu trabalho, lhe são preciosos, assim como os aspectos do horror, que lhe convocam a perguntar a partir daí, justamente por ser necessário contar com algum contorno para lidar com o que não se simboliza. Ler o caos que nos cerca através de uma abertura é lembrar, como exercício de investigação, da força criativa que existe em cada afirmação se a mesma conversa com uma pergunta. Assim, considerando que nenhuma forma está finalizada, encontramos a possibilidade de brincar. Ou seja, a criação surge quando contamos com o *desinrijecimento* de formas fechadas em sentidos únicos e utilitários. Como afirma o educador italiano Gianni Rodari em Gramática da Fantasia: “Brincar com as coisas serve para conhecê-las melhor” (1982, p. 99).

Pensar a infância como lugar onde a língua é terreno fértil para criação, é pensar na mesma em constante estado de abertura, que pode estar presente ou não na vida de alguém que já tenha passado dos 12 anos. Modo de ler o mundo

que segue contando com a curiosidade: gesto político e estético. Assim, podemos convidar as palavras *mistério* e *certeza* para conversar e recolher os efeitos dessa interlocução que começa com uma pergunta e se abre em seguida para novos caminhos.

O que uma pergunta traz consigo? A presença do mistério traz em si a possibilidade democrática da abertura de espaço para múltiplas verdades, diferentes certezas. Se, ao afirmar, fechamos em algum sentido, a pergunta então gera a oportunidade de criações singulares. Ninguém responde a uma pergunta da mesma forma que outro alguém. Tentar justamente adentrar na brecha que existe entre o mistério e a certeza: é ali que a pergunta habita. Existe um mundo em cada pergunta.

Pensar na pergunta como matéria que se gesticula, como presença de convite, de cor que se desenha, de elemento que se esvai e antes disso participa de uma intensa brincadeira que, ao dobrar a esquina, vira poesia, é pensar a pergunta também como ferramenta fundamental para um curioso. Um psicanalista, um artista, um jornalista, um professor, uma criança, um poeta. Uma pergunta pode existir mesmo sem a companhia de um ponto de interrogação ao seu lado, quando parte-se da ideia de que existe um mundo ali. Roland Barthes no livro *Crítica e Verdade*, traz essa noção quando afirma: “Uma pergunta nunca é mais do que sua própria resposta esparsa, dispersa em fragmentos entre os quais o sentido se difunde e foge ao mesmo tempo” (2003, p.171).

A pergunta pode ser silêncio, intervenção, repetição, suspensão, jogo com significantes. Na prática do meu trabalho enquanto psicanalista, percebo que a infância como dimensão de linguagem é a noção da presença de uma abertura para outras formas de se relacionar com os significantes em jogo dentro da sessão, com adultos ou crianças. Ou seja, é a possibilidade de colocar os significantes ditos pelo paciente em uma íntima relação com a pergunta. Estranhar, escutar novamente e escutar de uma forma nova, questionar de uma maneira que as afirmações sejam convidadas a tomar outros caminhos até então desconhecidos. É justamente nessa abertura que se torna possível encontrar a matéria mais viva da criação dentro de um trabalho analítico.

O psicanalista francês Jacques Lacan, no livro *A Terceira*, afirma: “A interpretação, formulei, não é interpretação de sentido, mas jogo com a equívocidade, e foi por isso que coloquei o acento sobre o significante na língua” (1974, p. 33). Equívocidade: pensar na qualidade de equívoco, de ambíguas interpretações. Em outras palavras: não tomar uma afirmação, uma palavra, um significante, como verdade incontestável, mas pensar a interpretação de uma fala como terreno onde habita a pergunta. Pensar infância então como espaço de intimidade com o manejo das perguntas é poder pensá-la como local de equívoco, um equívoco muito bem vindo, pois está do lado da criação.

Considerar a infância como ponto de partida para criar e não como um momento que se conclui dentro de uma faixa etária é então tomar a infância como o artista plástico Valère Novarina (2003) toma as palavras:

As palavras são como pedregulhos, os fragmentos de um minério que é preciso quebrar para liberar sua respiração. Um livro inteiro pode surgir de uma única palavra partida (...) As palavras estão no solo, incompreensíveis e como caroços. Eu as apanho, escuto ali dentro; as quebro: aparece uma frase, uma cena. (Novarina, 2003, p. 35)

Uma infância inteira pode surgir de uma pergunta partida.

#### **4. Perguntar por novas infâncias**

Perguntar é criar, e essa criação é sempre em relação ao outro, com o outro, a partir do outro. Assim, perguntar pela infância é se relacionar com o movimento de expansão a partir de um olhar curioso. Quero aqui afirmar a importância do estranhamento, da possibilidade da saída do automatismo de respostas. É necessário espaço e tempo para estranhar e abrir em enigmas para então, como consequência, descobrir possibilidades de outros deslocamentos na linguagem, de outras possibilidades de leituras de mundo.

O poeta Pablo Neruda (1974) citado em epígrafe, escreve um livro inteiro composto apenas por perguntas. São 74 poemas com pontos de interrogação em todas as estrofes. Em *Livro das Perguntas*, nenhuma pergunta é respondida

e todas convocam o leitor a um novo lugar de criação. É possível, em cada estrofe, tomar uma pergunta e seguir escrevendo, construir um novo texto, poema, crônica ou pensamento. Quando o poeta pergunta "quantas abelhas tem o dia?" (Neruda, 1974, p. 19) ou "como se chamam os ciclones quando não tem movimento?" (1974, p. 143) encontramos a possibilidade de criação que uma pergunta pode provocar. A pergunta traz consigo a importância da retomada de um olhar crítico, da possibilidade de se estabelecer uma nova relação com a realidade, com os modos de assimilar e se relacionar com o externo.

O antropólogo e filósofo mexicano Sergio Espinosa Proa afirma: "A arte não "ensina" coisa alguma. Ela apenas permite que a infância continue respirando em cada um de nós" (2004, p. 19). Ou seja, é um respiro que inaugura, a cada vez, um novo estado de relação com o entorno a partir da abertura de novos significados. Perguntar pela infância seria então um constante convite para habitar a linguagem de uma nova forma?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agamben, G. (2014) *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. 3ed. UFMG. Belo Horizonte

Barthes, R. (2003). *Literatura e significação*. In R. Barthes. *Crítica e verdade* 3. ed. São Paulo: Perspectiva (pp. 165- 184).

Bines, R. K. (2022). *Quero te contar lisamente*. In R. K. Bines. *Infância, palavra de risco*. Numa Editoria. Rio de Janeiro (pp.183-195).

Busse, M. L. F. (2004). *Ensaio sobre a pergunta: uma teoria da prática jornalística*. Rio de Janeiro, E - papers Serviços Editoriais.

Espinosa Proa, S. (2004). *Em busca da infância do pensamento: ideias na contramão da pedagogia*. Rio de Janeiro: Ed Senac Nacional.

Freire, P., Faundez, A. (1985). *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Lacan, J., Miller, J.A (1974). *A terceira: teoria de la língua / Jacques Lacan, Jacques - Alain Miller*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Neruda, P. (1974). *Livro das perguntas*. Porto Alegre: L&PM, 2022.

Novarina, V. (1947). *Diante da palavra*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

Rodari, G. (1982). *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982